

“Saber pensar seu pensamento”: reflexões em conjunto sobre epistemologia da comunicação



Laan Mendes de Barros

*Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP)
Coordenador de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: laan@facasper.com.br*

Dimas A. Künsch

*Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP)
Vice-coordenador de Pós-graduação da
Faculdade Cásper Líbero
E-mail: dimaskunsch@facasper.com.br*

Resumo: “Comunicação: saber, arte ou ciência?” foi tema de um seminário organizado, em agosto de 2007, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Os participantes acompanharam as intervenções dos três convidados (Luiz C. Martino, da UnB, Lucrecia D’Alessio Ferrara, da PUC-SP, e Cremilda de Araújo Medina, da USP) e debateram com eles importantes questões atuais levantadas pela epistemologia da comunicação. Este texto recupera alguns dos grandes eixos desse debate e abre para outras considerações, inclusive de natureza metodológica.
Palavras-chave: comunicação, epistemologia da comunicação, campo comunicacional.

“Saber pensar su pensamiento”: Reflexiones en conjunto sobre epistemología de la comunicación

Resumen: “Comunicación: ¿saber, arte o ciencia?” fue tema de un seminario organizado, en agosto de 2007, por el Programa de Postgrado en Comunicación de la Facultad Cásper Líbero. Los participantes acompañaron las intervenciones de los tres invitados (Luiz C. Martino, de la UnB, Lucrecia D’Alessio Ferrara, de la PUC-SP, y Cremilda de Araújo Medina, de la USP) y debatieron con ellos importantes cuestiones actuales levantadas por la epistemología de la comunicación. Este texto recupera algunos de los grandes ejes de ese debate y abre para otras consideraciones, incluso de naturaleza metodológica.

Palabras claves: comunicación, epistemología de la comunicación, campo comunicacional.

“Knowing how to reflect on your thought”: joint reflections on epistemology of communication

Abstract: “Communication: knowledge, art, or science?” was the theme of a seminar organized in August 2007 by the Postgraduate Program in Communication of Faculdade Casper Líbero. The participants followed the intermediations of the three guest speakers (Luiz C. Martino from UnB, Lucrecia D’Alessio Ferrara from PUC-SP and Cremilda de Araújo Medina from USP) and debated with them important current issues raised by the epistemology of communication. This text retrieves some of the major pivots of said debate and opens the field to other considerations, including the ones of methodological nature.

Key words: communication, epistemology of communication, communicational field.

A primeira parte do título acima é tomada emprestada do livro *Para sair do século XX*, de Edgar Morin (1986). Nessa obra, o epistemólogo francês afirma que “para saber ver é preciso saber pensar o que se vê”. Saber ver e saber pensar, ele explica, são momentos de um investimento cognitivo que não se realiza em plenitude sem o concurso de uma e outra das duas partes constitutivas do processo. No entanto, referindo-se ao pólo mais propriamente da epistemologia, o autor ressalta que “saber pensar não é algo que se obtém por técnica, receita, método”, como também não basta “aplicar a lógica e a verificação aos dados da experiência”. Um dos pressupostos é “saber organizar os dados da experiência”. Eis a dimensão do desafio:

Precisamos, pois, compreender que regras, que princípios regem o pensamento que nos faz organizar o real, isto é, selecionar/privilegiar certos dados, eliminar/subalternar outros. Precisamos adivinhar a que impulsos obscuros, a que necessidades de nosso ser, a que idiosincrasia de nosso espírito obedece ou responde aquilo que consideramos como

verdade. Em uma palavra, saber pensar significa, indissociavelmente, saber pensar o seu próprio pensamento (Morin, 1986:111).

No campo da comunicação social, como nas demais ciências sociais aplicadas, podem ser considerados raros os esforços para se pensar o pensamento, uma vez que, na maior parte do tempo, nos ocupamos com questões relativas à aplicação dos conhecimentos. Assim, as energias se concentram no campo da prática, no desenvolvimento de novas técnicas, em um certo ativismo que prioriza o *como fazer*. Quando esse nível mais técnico é ultrapassado, na maioria das vezes a reflexão se apresenta apenas no âmbito da teoria, que se ocupa de *pensar esse fazer*, com vistas a torná-la mais eficiente e, provavelmente, mais rentável. Nesse sentido, o campo da comunicação social parece ficar limitado às dimensões das habilitações – tradicionais ou inovadoras – que denominam os cursos oferecidos nas instituições de ensino superior. Ao se concentrar na formação profissional, tais instituições acabam por se subordinar às demandas do mercado de trabalho e à própria lógica mercantil da sociedade de consumo.

Conjugar o conhecimento prático do fazer, a teoria do pensar o fazer e a epistemologia do pensar o nosso pensamento é uma tarefa que se impõe como urgente no domínio fragmentado da comunicação. Teoria e epistemologia constituem são coisas distintas, como explica, de maneira bastante didática, Luiz Martino:

Quando temos como objetos processos ou fenômenos, estamos fazendo teoria: podemos descrevê-los, explicá-los, compreendê-los dentro do repertório científico. A teoria sempre toma como objeto um fenômeno da realidade. E o que faz a epistemologia? Ela fala sobre as teorias. Assim, o objeto da epistemologia são as teorias, e o objeto das teorias são os fenômenos que estão no mundo.¹

¹ Aqui, como em outros momentos do texto, são citados livremente trechos das intervenções dos professores doutores Luiz C. Martino, Lucrecia D'Alessio Ferrara e Cremilda de Araújo Medina durante o seminário "Comunicação: saber, arte ou ciência?". O texto integral do debate encontra-se em fase de preparação para publicação em livro.

É verdade que nos programas de pós-graduação os limites da formação profissional tendem a ser superados, uma vez que sua própria natureza torna de alguma forma impossível – e certamente desaconselhável – o não confronto com as teorias e com o pensamento que as legitima. A pós-graduação se configura em espaço de pesquisa e produção científica, em instância propícia ao desenvolvimento do pensamento comunicacional em suas diferentes dimensões. É verdade também que nas associações de pesquisa da área – como a Compós e a Intercom – um número crescente de pesquisadores vem se ocupando da epistemologia da comunicação. O livro organizado por Maria Immacolata Vassalo Lopes (2003), *Epistemologia da comunicação*, reúne parcela significativa dessas reflexões. Outras obras, coletivas e individuais, também se ocupam do tema e nos ajudam a "saber pensar nosso pensamento". No entanto, em setores mais diretamente envolvidos com a epistemologia da comunicação domina muitas vezes a idéia de "baixa atividade", de "baixo investimento" ou, o que dá no mesmo, de "déficit teórico" (Martino, 2007), quando não da mais pura indigência na área.

Tarefa individual e coletiva

Pensar o pensamento comunicacional, como todo e qualquer pensamento, envolve-nos simultaneamente na ousadia de termos de "pensar-nos ao pensar, conhecer-nos ao conhecer", assinala Morin. A tarefa remete-nos para o campo do sujeito do conhecimento, desafiado a saber ver e a saber pensar sobre o ver – e isso não é algo que diz respeito a indivíduos grupos isolados: "É essa a exigência reflexiva fundamental, que não é só a do filósofo profissional e não deve estender-se apenas ao homem de ciência, mas deve ser a de cada um e de todos" (Morin, 1986:111).

Foi com o propósito de contribuir para esse debate cuja interlocução é coletiva que o Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, numa iniciativa do grupo de pesquisa "Comunicação, recepção e identi-

dade”, promoveu, em agosto de 2007, o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?* Como conferencista convidado, o evento teve a presença de Luiz Martino, professor e pesquisador na Universidade de Brasília (UnB), e, como debatedoras convidadas, Lucrecia D’Alessio Ferrara, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e coordenadora do GT de Epistemologia da Compós, e Cremilda de Araújo Medina, professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

O seminário foi promovido no contexto das comemorações de 60 anos da Faculdade Cásper Líbero. Em 1947, esta Escola iniciava os estudos de comunicação em nível superior no Brasil, e até hoje ela é referência na formação de comunicadores nas diferentes competências profissionais. Ocorre que, nessa trajetória, também a Instituição ficou sendo marcada por esse perfil de recorte mais profissional, e somente no final do século XX é que a pesquisa passou a ser trabalhada de maneira mais sistemática, levando à reestruturação de seus cursos de pós-graduação, à organização de seu Mestrado acadêmico e à criação e implantação de políticas de pesquisa, desde a iniciação científica.

Dessa forma, mais do que o ensino de técnicas ou do desenvolvimento de práticas comunicacionais, a comunidade acadêmica da Cásper Líbero opta por investir, em elevado grau, no estudo teórico dessas práticas, propondo-se a pensar o fazer comunicacional. Mais, abre espaço para pensar essas teorias, para pensar o próprio pensamento, em uma perspectiva epistemológica. Para fazer jus à sua maturidade, como instituição sexagenária, a Faculdade Cásper Líbero se dispõe a pensar sua trajetória e a própria trajetória do campo da comunicação social no Brasil, abrindo-se ao diálogo interinstitucional com a disposição de uma instituição em movimento.

Para os integrantes do grupo de pesquisa “Comunicação, recepção e identidade” – que tem se ocupado com questões de caráter conceitual e epistemológico –, o seminário *Comunicação: saber, arte ou ciência?* representa uma

primeira experiência nessa linha. Isso porque o nosso novo programa de Mestrado, que iniciou suas atividades no segundo semestre de 2006, experimentou uma fase de reestruturação de seus grupos de pesquisa, ainda em processo de consolidação. Esses grupos se constituem em instâncias de sustentação desse programa. Sua estruturação passa pela realização de eventos científicos como esse seminário e publicações orientadas ao resgate das reflexões desenvolvidas. Frentes importantes de nosso projeto, os grupos de pesquisa formam uma espaço de debate e de produção coletiva, dinamizando desse modo a comunidade da pós-graduação.



A epistemologia “não é dos temas que mais fazem sucesso entre estudantes e estudiosos de comunicação”, lembrou Martino

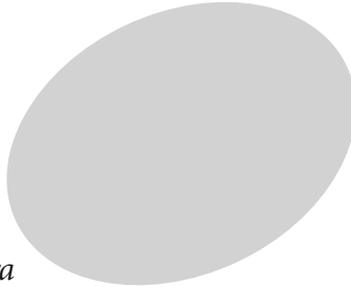
● Diálogo epistemológico

A idéia, do senso comum, de que conversando as pessoas se entendem, pode ser útil na compreensão da metodologia aplicada a um seminário capaz de reunir quase uma centena de pessoas, em duas tardes, para debater um tema que, na expressão de Martino, “não é dos mais atraentes”: “Não é, com certeza, daqueles temas que mais fazem sucesso entre os estudantes de comunicação – nem entre os estudiosos, diga-se de passagem”. A mesma percepção é manifestada por Lucrecia Ferrara, quando ela diz, no início de seu comentário depois da intervenção de seu colega:

É muito difícil fazer com que a questão da epistemologia da comunicação se torne palatável. Ela não tem charme. Soa até estranho alguém dizer que se ocupa de questões de epistemologia: “O que faz esse cara? Ah, ele se ocupa de epistemologia? Mas o que é isso?”. Não se sabe

exatamente o que é, a coisa não fica muito clara. E vou lhes dizer uma coisa: não é apenas com o grande público que isso acontece, não. Também para um público mais restrito, mais especializado, a área de epistemologia não é palatável, e o Martino sabe disso.

“Abrimos um problema e há que continuar trabalhando sobre ele. Senão não teremos condições de montar a teoria da comunicação”, afirmou Lucrecia Ferrara



O ponto de partida para esse debate de idéias sobre epistemologia foram dois textos assinados por Martino, “As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação” (Martino 2003) e “Abordagens e representações do campo comunicacional” (Martino 2006). O autor conversou sobre ambos e ampliou para novas questões. Ao fazê-lo, ele se recontou enquanto pesquisador, num esforço de diálogo com um objeto que, em sua visão, está longe de ter encontrado um espaço próprio, digno e nobre, como saber autônomo, no campo sempre atraente, mas amplamente desafiador, da comunicação. O comentário de Lucrecia Ferrara e Cremilda Medina aos textos serviu para aprofundar e trazer novos enfoques às questões. levantadas, abrindo ainda mais o leque dos interesses do público, que, na seqüência, dirigiu suas perguntas aos conferencistas. Na percepção dos organizadores do evento e dos próprios convidados, o objetivo de “conversar para se entender” foi alcançado, rompendo-se assim o fenômeno, nada incomum, da incomunicação.² Lucrecia Ferrara:

² A necessidade de se pensar também a incomunicação, junto e ao mesmo tempo em que se pensa a comunicação e seu objeto, é realçada por Künsch, quando ele afirma que “a incomunicação terá também de ser investigada com instrumentos analíticos aptos a percebê-la em sua ampla diversidade e complexidade. Nem é preciso insistir que o fenômeno da incomunicação possui fortes raízes fincadas nos mais diferentes âmbitos da vida privada e pública, social, política, acadêmica” (2007:56).

Bem, eu entendo que, realmente, o que se debateu nesta tarde foi, em forma de comprimido, uma boa noção do trabalho que se tem a fazer e do que efetivamente nos espera. Se for possível tornar mais rotineiro esse tipo de debate, que possamos nos reunir mais vezes para discutir, será muito oportuno para nós todos. Não acho que a questão que estamos discutindo seja pacífica, nem que se tenha colocado um ponto final no assunto. Pelo contrário, abrimos um problema e há que continuar trabalhando sobre ele. Senão não teremos condições de montar uma teoria da comunicação. É desafio para nós todos. Mãos à obra!

Luiz Martino:

Fiquei muito impressionado com a participação de vocês. Eu acho que isso demonstra um alto nível da produção de cada um. Fiquei realmente impressionado e agradeço muito. Espero que em outros contatos, talvez em visitas à UnB, possamos continuar esse diálogo que, para mim, foi muito, muito importante. Obrigado a todos!

Se levado em conta o freqüente discurso sobre a “dispersão” ou “fragmentação” teórica no campo da comunicação, o “conversar para se entender” – que busca não consensos, mas possibilidades de articulação e de entendimento – se justifica e merece ser repercutido. Ao se aproximar de uma narrativa sobre preocupações e buscas coletivas na área sem grandes apelos da epistemologia da comunicação, o diálogo de idéias lembra o que afirma Medina, em *A arte de tecer o presente*, ao tratar da narrativa como “uma das respostas humanas ao caos”:

Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa –, o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (Medina, 2003:47-48).

No entanto, o “entender-se conversando” nesse debate – às vezes, verdadeiro embate sobre epistemologia, como reflete

Martino, exige a aceitação de certos pressupostos de fundo, que fazem com que a tarefa se torne de fato possível. Aqui, situamo-nos no nível do pensamento científico sobre a comunicação, e não no território do senso comum, em geral despreocupado com a precisão dos conceitos e o rigor da argumentação:

Porque, antes de mais nada, discutir epistemologia é necessariamente uma tomada de posição. Significa aceitar certos pressupostos que são aqueles mesmos sobre os quais se funda a ciência: a possibilidade de conhecer o real a partir de certos critérios de investigação, entre os quais a reflexão crítica, a objetividade, a produção da verdade pela argumentação e comprovação (Martino, 2003:70).³

A comunicação que a epistemologia toma como objeto de reflexão é uma ciência? A pergunta é inevitável, mas Martino entende que não é boa. Para ele, a boa pergunta é se “poderíamos tomar a comunicação pelo viés da ciência”. Porque, embora nada impeça que seja tratada sob a perspectiva da técnica ou da arte, a comunicação, para ser elaborada teoricamente, precisa ser pensada tomando-se por base a ciência. “Seria possível fazer teorias da comunicação sem situá-las no plano da ciência?”, pergunta o convidado. A resposta é não. Nessa linha, pensar a comunicação é examinar como as teorias que a explicam se relacionam entre si:

Se falei em teorias da comunicação, é justamente porque o campo da comunica-

ção, para mim e para a epistemologia da comunicação, é, antes de mais nada, um campo de teorias. Isso significa se perguntar como, nesse campo, essas teorias se influenciam umas às outras. Como elas formam um certo sistema, onde a introdução de uma nova teoria, sua evolução ou o seu aperfeiçoamento acabam influenciando as demais teorias.

Pensar a comunicação sob a perspectiva científica implica, afinal, em discutir seu objeto de estudo. O que define uma disciplina científica são os limites e a especificidade do objeto com o qual ela se ocupa e sobre o qual produz conhecimentos. O recorte do objeto delimita o campo dessa disciplina, pensado sistemicamente.

Objeto de estudo da comunicação

Contraopondo Aristóteles e Galileu, Martino considera que os dois possuem maneiras bem distintas de expressar a realidade. O primeiro defende um pensamento de natureza substancialista, tomando cada coisa como realidade isolada, enquanto o segundo mantém o foco investigativo nas relações entre as coisas, formando sistemas. “A partir de Galileu e, mais amplamente, de toda a Renascença, começa-se a pensar as coisas não mais em termos de substâncias, mas de relações. Isso quer dizer que não há mais substâncias isoladas, e sim estados que são frutos de relações.”

Seguindo essa herança, pensar um campo de estudo exige compreender o sistema que reúne e articula um conjunto de fenômenos e de saberes – as teorias – com afinidade entre si. A noção de campo é, pois, atravessada pela idéia do diálogo entre teorias afins, que se ocupam do mesmo objeto de estudo, como argumenta Martino:

Uma teoria não é algo isolado, só tendo sentido numa relação de diálogo entre teorias. Esse diálogo é o que chamamos normalmente de disciplina. Eu poderia dizer que uma disciplina nada mais é do que a relação entre saberes. Há vários saberes. Em torno dos fenômenos comuni-

³ O autor comenta, no contexto, o “diálogo de surdos” entre Popper e Adorno, quando, nos anos 1960, foram convidados por uma associação nacional de sociólogos da Alemanha para um debate epistemológico que, na verdade, deixou de existir. O comentário do representante da Escola de Frankfurt às 27 teses de Popper sobre uma “formulação programática da tarefa das ciências sociais teóricas” tirou a discussão do campo da epistemologia e a conduziu para outro campo, do conhecimento enquanto vinculado ao poder e aos jogos de interesses sociais e econômicos. “Longe de avançar nos problemas, Popper se vê obrigado a recuar até as condições de possibilidade de um debate epistemológico, às condições em que há sentido falar de epistemologia” (Martino, 2003:71).

cacionais, sociais, psicológicos etc., aparece, então, uma série de teorias para tentar explicar os fenômenos daquela área, e essas teorias vão se agrupando, e vão constituindo um centro que cria as condições de possibilidade para a articulação entre essas teorias. Uma teoria passa a existir em sua relação com outras teorias. Ela só pode crescer e se desenvolver na medida em que dialoga com as outras teorias. Na medida, então, em que forma um sistema com outras teorias.

A justificativa para esses argumentos provém exatamente do fato de que, como propõe Martino, “um campo de conhecimento é, antes de tudo, um campo de teorias”. Esse campo possui um centro – o objeto de estudo – em torno do qual as teorias se articulam. Estas só podem funcionar, segundo ele, “a partir do momento em que conseguem estabelecer um diálogo entre si”, mais uma vez, articulando-se em torno do objeto de estudo. Uma articulação que, na prática, não vem se dando de fato. A simples questão sobre o que são teorias da comunicação e quais são elas, na visão de Martino, não encontra respostas nas obras dos autores que tratam justamente do tema das teorias da comunicação. Uma pesquisa, ainda em andamento, com autores franceses, espanhóis e ingleses revela que esse diálogo entre teorias comunicacionais está longe de se efetivar. Ele cita, como exemplo, o caso dos livros espanhóis. Em nove autores pesquisados, somam 72 as teorias citadas. Mas há algo “de muito curioso” nesse número:

Nenhuma teoria está presente nos nove autores. Nenhuma. Nem em oito. Nem em sete. Em seis, temos cerca de 8% de teorias comuns. Mas vejam o caso extremo: quase dois terços dos autores, ou seja, 66%, citaram teorias que não encontram correspondentes nos demais. A conclusão é que ninguém concorda sobre quais são, de fato, as teorias da comunicação.

A pergunta que nasce espontaneamente é por que um livro de teorias da comunicação não se parece com outro livro de

teorias da comunicação. O pesquisador chama a atenção para o forte risco de um “diálogo de surdos”:

Não estou querendo falar de consenso, e, sim, de campo. Estou querendo dizer que, num livro de teorias da comunicação, pelo menos, o que deveríamos encontrar são discordâncias produtivas, ou “diferenças semelhantes”, e não “diferenças diferentes”. Deveríamos encontrar não a radicalidade do abismo ou do contraste absoluto, mas diferenças que nos levassem a pensar, que nos levassem ao diálogo. Porque diferenças absolutas levam a um diálogo de surdos, onde um fala de um assunto, o outro fala de outro, e não existe relação nenhuma entre as duas vozes.

Avançando na reflexão acerca do objeto de pesquisa, e sobre a necessidade urgente de produção de teorias que o expliquem a partir de dentro da própria comunicação, autonomamente – e não de fora, sob a ótica pura e simples de outras disciplinas –, o professor da UnB introduz na discussão o conceito batizado por ele de atualidade. Ele tem em mente as duas grandes vertentes comunicacionais, uma que privilegia os estudos dos meios e outra que centra seu interesse na compreensão crítica da chamada cultura de massa. Martino não separa uma da outra, porque acredita que “meio de comunicação não é só tecnologia” e que a cultura de massa “é mediada pela técnica”. É assim que prefere tratar o objeto da comunicação. Nesse sentido, considera possível e justo tanto focar os estudos da comunicação sob a perspectiva dos meios – “desde que se perceba que esses meios não são apenas tecnologia” – quanto da cultura de massa – “desde que se perceba que é na intersecção com a técnica que isso acontece e interessa”. A atualidade, ele explica, é o “produto ou resultado da atividade midiática”:

Por que dar a isso o nome de atualidade? É porque se trata de uma experiência que alarga o indivíduo e altera o nosso sentido de cultura, que passa a ser cultura do presente: os meios permitem uma espessura do tempo vivido do contemporâneo. Numa socie-

dade que se tornou complexa, onde vivemos muitas coisas ao mesmo tempo, nós passamos a nos interessar pelos acontecimentos de cada dia, porque o tempo presente se alarga. O presente assume uma espessura que se faz necessário agora sondar.

A esse respeito, no debate que se seguiu, Cremilda Medina argumenta preferir o termo “contemporaneidade” a “atualidade”. Ao descrever o trabalho de laboratório de narrativas que há mais de duas décadas desenvolve com alunos da graduação e da pós-graduação no ambiente jornalístico, tema do livro *A arte de tecer o presente*, citado antes, a professora da USP afirma que qualquer produção de sentidos sobre a atualidade “comporta um trabalho de não-atualidade, de raízes histórico-culturais, de diagnósticos e prognósticos”. Se não for assim, ainda segundo Medina, a narrativa deixa de ser transformadora, terminando por “legitimar os sentidos vigentes da atualidade, não contribuindo para o diálogo social”. Assim, “contemporaneidade inclui atualidade, passado e futuro”.

Processos mediados e não mediados

Recuperando o texto de Martino (2006) trabalhado no primeiro dia do seminário, Lucrecia Ferrara destaca que “talvez o grande valor do artigo, no sentido de postular um possível roteiro do que seria uma epistemologia da comunicação, esteja num levantamento que o autor faz, minuciosamente, década a década”, sobre a evolução do campo. Ela considera que Martino “divide e rotula esses diversos períodos com nomes muito claros”. Em seguida, cita a classificação do colega:

- 1) Período pré-científico, antes de 1920;
- 2) Flerte com a ciência, de 1920 a 1930, quando começam os primeiros esboços de uma possível relação da comunicação com outras ciências;
- 3) O período efetivamente científico, de 1940 a 1950, quando se caracteriza a comunicação como uma ciência interdisciplinar;
- 4) O período cético, que vê a comunicação como área interdisciplinar, embora houvesse, nessa altura, claramente, a tentativa de carac-

terizar um pensamento epistemológico;

- 5) O período interdisciplinar, depois dos anos 1980, quando a comunicação é tomada como além ou acima da ciência.⁴

Para a professora, “esses cinco pontos dão conta das abordagens disso que seria a epistemologia da comunicação”. Aprofundando a análise e indagando a respeito das representações que a área tem feito de si mesma, ela volta ao texto que está comentando para repassar as quatro classificações formuladas por Martino: “**reducionista**, quando a epistemologia é reduzida a uma outra disciplina ou corrente teórica”; “**historicista**, em que o campo é reduzido ao seu fluir histórico”, ou seja, quando a evolução dos estudos se confunde com a própria evolução do objeto e o “estudo da comunicação vai assumindo novos contornos conforme se desenvolve”; **conceito, teoria, pesquisa**, “em que o campo se confunde com os temas e problemas pesquisados”; e uma quarta corrente, que Martino denomina , “em que o campo procura definir-se pela análise de suas instituições”.

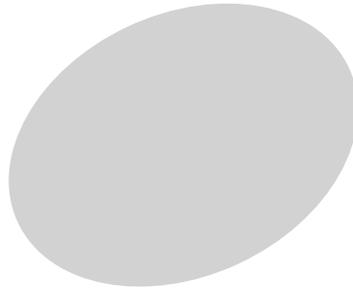
Medina prefere “contemporaneidade” a “atualidade”. Porque a atualidade envolve “raízes históricas, diagnósticos e prognósticos”

Ferrara, pondera que a segunda e a terceira representações poderiam ser agrupadas em uma só categoria. Tem dúvidas sobre a existência de “uma corrente historicista e uma corrente voltada para conceitos e temas de pesquisa como coisas distintas”. Por fim, resume:

⁴ Martino, sobre esse último período, afirma que, a partir dos anos 1980, a idéia de interdisciplinaridade muda, assumindo um caráter contrário ao pensamento científico e de reação contra ele, “fazendo com que vários pesquisadores não somente abandonem, mas também rejeitem qualquer tentativa de formular a comunicação no plano da ciência” (2006:43).

Se juntarmos o ponto em que o Martino coloca, década a década, as várias características do estudo das teorias da comunicação, com esse outro, onde ele fala das várias representações que a área tem feito de si mesma, observaremos de verdade um impasse entre o que a área tem pensado de si própria e como ela tem se desenvolvido.

Morin lembra que o pensamento científico implica em compreender “que princípios regem o pensamento que nos faz organizar o real”



Uma polêmica persiste, no entanto, sobre o objeto específico de estudos da comunicação e a importância da mídia na constituição desse objeto. Importam tanto os processos comunicacionais mediados como os não-mediados? Lucrecia Ferrara se opõe a uma vinculação estreita do objeto de estudo da comunicação ao universo midiático:

Se admitirmos que os meios são estritamente tecnológicos, vamos também ter de admitir que o objeto de estudo da comunicação fica bastante reduzido. Sem contar que precisaríamos admitir igualmente a possibilidade concreta de cairmos no ufanismo tecnológico, que frequentemente redundam em descrição dos aparatos tecnológicos. Isso acontece com frequência com os aparatos tecnológicos propiciados pelo meio digital, a Internet, os computadores, a web, as novidades de todos os dias. Tenho observado como trabalhos científicos que operam com esses meios redundam na descrição deles, e essa descrição, sob o ponto de vista científico, deixa muito a desejar.

Ao argumentar que a opção pelos meios como objeto científico da comunicação reduz esse objeto, a pesquisadora da PUC de São Paulo conclui que, “por esse ângulo, baniremos do estudo do objeto da comunicação

todas as relações sociais e interpessoais que freqüentemente são mediadas pelo verbal”.

Diferentes sentidos de comunicação

O questionamento faz lembrar os três sentidos do termo comunicação identificados por Dominique Wolton, no livro *Penser la communication* (1997). Ele afirma que “a comunicação é antes de tudo uma *experiência antropológica* fundamental. Intuitivamente, comunicar consiste em um intercâmbio com o outro”.⁵ Também, que a comunicação é “o conjunto de técnicas que, no período de um século, rompeu as condições tradicionais da comunicação direta, para substituí-la pelo reinado da comunicação à distância”. E, por fim, que “a comunicação se converteu em uma necessidade social funcional para economias interdependentes” (Wolton, 1997:14-16). Mais adiante, na mesma obra, ao abordar os “limites da comunicação”, o autor nos fala sobre “a provação da comunicação direta”:

Quanto mais a comunicação *mediatizada* se aprimora, rompendo as escalas de tempo e espaço, mais a comunicação direta, *física*, com o outro padece de uma desvantagem constrangedora. É mais fácil dialogar de um lado ao outro do planeta, e, com isso, esquecer as dificuldades, inevitáveis, do “face à face”. As técnicas não resolveram os problemas da comunicação humana; elas simplesmente *os transferiram de lugar*, empurrando-os, enfim, para os botões dos teclados e os monitores. Apesar de todas essas técnicas, cada vez mais simples, acessíveis, lúdicas e interativas, o outro continua sempre presente, ainda difícil de ser acessado, ainda difícil de ser compreendido e de despertar interesse. É como se as dificuldades da comunicação humana tivessem sido simplesmente colocadas entre parênteses devido às maravilhas tecnológicas (Wolton, 1997:56).

O tema merece nossa atenção, porque, ao definirmos as linhas de pesquisa do atual pro-

⁵ Aqui e nas próximas referências à obra, texto traduzido do original francês pelos autores.

grama de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, elegemos a mídia como elemento comum às duas abordagens, focando no aparato midiático nossos esforços de estudo. Tanto na abordagem dos processos midiáticos, balizados pela tecnologia e pelo mercado, quanto dos produtos midiáticos, com especial atenção para as relações entre jornalismo e entretenimento, nossas linhas de pesquisa se voltam para a comunicação mediada como objeto de estudo. No entanto, o foco na mídia não representa, para nós, a vinculação exclusiva dessas pesquisas a questões tecnológicas, ainda que a tecnologia constitua um dos eixos da linha que se ocupa com o estudo dos processos midiáticos.

Ocorre que as três dimensões da comunicação identificadas por Wolton encontram-se articuladas entre si e são interdependentes. A comunicação não é isso *ou* aquilo, mas isso e aquilo. Ela é, ao mesmo tempo, uma “experiência antropológica”, um “conjunto de técnicas” e um “necessidade social”, especialmente se reconhecemos que, quanto mais a comunicação mediada avança e se sofisticada, mais a comunicação direta, não-mediada, se vê encolhida. Como adverte o pensador francês, mesmo que seja mais fácil o contato de um lado a outro do planeta, as tecnologias não resolvem os problemas da comunicação humana, apenas os transferem a teclados e monitores. De fato, para além das tecnologias e das facilidades oferecidas pelo mercado, o ser humano segue presente, reclamando nossa atenção. E não há por que esperar que as tecnologias resolvam por si só, como num passe de mágica, a complexidade das relações humanas em suas dimensões políticas, culturais, econômicas etc.⁶

⁶ A dimensão ao mesmo tempo complexa e pragmática da comunicação foi ressaltada, no debate, por Cremilda Medina, que, na perspectiva da produção de informação de atualidade – ou narrativa da contemporaneidade, como prefere –, insiste ser fundamental que a erudição epistemológica não descole nunca da prática laboratorial, da oficina, do fazer e do pensar sobre esse fazer. “Eu insisto que não sei trabalhar sem laboratório. O laboratório epistemológico tem sido fundamental para qualquer técnica tradicional, porque as técnicas tradicionais da comunicação social, ou os suportes tecnológicos, os meios onde essas técnicas se realizam, sem o laboratório epistemológico, tendem a ser absolutamente conservadores, atrofiados, estagnados. E a nossa responsabilidade, enquanto educadores, é justamente com a transformação. E transformação não acontece sem laboratório.”

Claro que aqui estamos falando da área de concentração de um programa de pós-graduação em particular. Por certo, outros centros de pesquisa se ocupam com maior vigor com as questões da comunicação não-mediada. No entanto, a discussão pode nos ajudar a dar maior consistência aos nossos empreendimentos investigativos e, o que interessa no campo da epistemologia, à definição de nosso objeto de estudo enquanto disciplina autônoma. É com a definição de nosso objeto de estudo e a conseqüente delimitação de nosso campo que poderemos manter interlocução com pesquisadores de outras universidades.

● Meios ou mediações?

Na discussão sobre comunicação mediada ou não-mediada valeria recorrer à obra de Jesús Martín-Barbero, *Dos meios às mediações*, na qual esse autor propõe um deslocamento do foco de atenção dos estudos da comunicação para o universo das mediações sócio-culturais, que marcam o contexto no qual estão os interlocutores, e resgata a figura do receptor como participante ativo dos processos comunicacionais. Afinal, qual é o nosso objeto de estudos: os meios ou as mediações? Como adverte Lucrecia Ferrara, “se não temos uma epistemologia da comunicação, é muito difícil definir o que entendemos por objeto científico da comunicação”. E a partir daí ela questiona:

Eu tenho uma séria dúvida: será que podemos almejar ter um corpo teórico epistemológico que orientaria as investigações, a produção didática etc., capaz de nos dar uma certeza epistemológica, se nós realmente trabalhamos com um objeto que se altera todos os dias, tanto enquanto meio como enquanto mediação? (...) Como definir o objeto da comunicação, diferenciando-o, de um lado, do simples estudo das relações e das mudanças sociais, que é o domínio das ciências sociais, e, de outro, do risco da descrição ufanista dos meios tecnológicos? O grande desafio de uma epistemologia da comunicação estaria na dificuldade de definição desse objeto, mas

qual é esse objeto que supera tanto a docilidade interdisciplinar quanto a aderência aos meios tecnológicos?

Como argumenta Ferrara, o desafio de uma epistemologia da comunicação é encontrar um objeto de estudo que, de um lado, supere a “docilidade” e certa dispersão interdisciplinar – tão vivamente criticada por Martino –, e, de outro, renuncie à adesão “ufanista” aos meios tecnológicos. Morin – em texto citado no início deste artigo – lembra que o pensamento científico implica em compreender “que princípios regem o pensamento que nos faz organizar o real”. Ele explica que esses princípios passam por “selecionar/privilegiar certos dados, eliminar/subalternizar outros”. Nesse sentido, é preciso selecionar determinadas dimensões – e subalternizar outras – dos fenômenos comunicacionais, que estão presentes em um sem-número de momentos e situações que marcam as relações humanas e os processos societários.

Wolton, na obra citada, também fala dos desafios para se pensar a comunicação, que, segundo ele, “é sem dúvida um dos principais locais de leitura das contradições da sociedade moderna”. O autor se refere a três níveis de desafio (Wolton, 1997:356-357). No primeiro, o *nível social*, ele chama a atenção para o fato de que, “quanto mais comunicação, mais as sociedades e os indivíduos necessitam de mediação, de tradução e, portanto, de tempo para reduzir os desgastes provocados pelas inúmeras situações em que cada um se vê ‘ao vivo’ frente ao outro. Quanto mais existe comunicação, mais se produzem distâncias”.

No *nível político*, Wolton recorda que a comunicação jamais levou ao desaparecimento de hierarquias e injustiças, pois “toda comunicação é acompanhada de poder”. Ele afirma que “a comunicação é, sob esse ponto de vista, o indicador do movimento geral que, nas sociedades complexas, coloca os problemas culturais no

centro dos conflitos sociais”. Por fim, no *nível antropológico*, ele lembra que o indivíduo das “sociedades modernas” passa entre oito e doze horas frente a uma tela de computador – se somadas as horas de trabalho, lazer e atividades de estudo –, e que o questionamento ainda persiste:

Será que o outro é mais facilmente acessível por meio dessas máquinas? Em que elas nos permitem uma comunicação mais autêntica? Como fazer para que essas múltiplas situações interativas sejam outra coisa que não uma ocasião de “solilóquios interativos”?

Na urgente tarefa de identificar a especificidade do objeto de estudo da comunicação é indispensável levar em conta que, seja qual for o recorte, o ser humano faz parte desse sistema e das relações que o alimentam. Um sistema constituído de diversas mediações, que articulam comunicação e cultura, como recorda Ferrara:

Sem dúvida alguma, trabalhar com comunicação significa necessariamente trabalhar com uma intencionalidade comunicativa, e essa intencionalidade difere conforme trabalhemos com características de mediação ou de midiatização. Não há como confundir mediação e mídia, pois são coisas completamente distintas. A mediação tem uma intencionalidade que a torna profundamente diferente da midiatização comunicativa. A midiatização estabelece claramente um programa de recepção. Ela se monta, se modela na sua produção para atingir determinado resultado no processo de recepção. Isso é mídia. Mediação é outra história. Envolve uma intencionalidade comunicativa, mas não se pode reduzir toda mediação ao território da mídia.

Considerando, também, que “mediação é outra história”, o grupo de pesquisa “Comunicação, recepção e identidade” reconhece que ecoam em nossas reflexões as formulações de Martín-Barbero. Preocupamo-nos com a recepção, mas não na perspectiva behaviorista que centra a

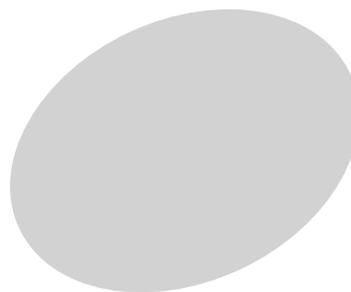
atenção na possibilidade de se provocar efeitos junto à audiência. Para nós, a recepção se dá de forma ativa, mediada por diferentes fatores do tempo-espaço em que se inserem os receptores. Aliás, neste caso, caberia melhor o termo fruição, pois, no contexto das mediações, o receptor se apropria das mensagens que frui, dando a elas novos sentidos, “à luz dos códigos de chegada”, conforme descreve Umberto Eco, em *A obra aberta*.

Entendemos, porém, que as formulações de Martino não configuram conflito com essa valorização da recepção como espaço privilegiado do processo comunicacional. Também, que o desenho de nossas linhas de pesquisa, que explicitam a mídia como componente de qualificação dos processos e produções comunicativos, tampouco concebem a comunicação na perspectiva única da mensagem transmitida através de determinado meio tecnológico. Assim fosse, estaríamos limitados a um tratamento formalista dos fenômenos da comunicação. Como adverte Ferrara, “trabalhar a epistemologia da comunicação vinculando-a, exclusivamente, à característica midiática da comunicação é reduzir o objeto”.

● Contemporaneidade e tempo

Quando, por fim, a reflexão assume por objeto o tema da “Comunicação na contemporaneidade”, denominação da área de concentração do programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, logo se faz evidente que a questão do tempo é fundamental.⁷ A nosso ver, o tema da comunicação na contemporaneidade nos traz três espécies de desafios, que merecem ser trabalhados nessa tarefa coletiva de pensar o pensamento comunicacional.

O primeiro deles é o dos limites do tempo e, no caso da nossa área de concentração, do tempo presente – e aqui nos aproximamos do que Martino concebe como atualidade, na intersecção entre tecnologia e cultura de massa. Percebemos que, no contexto das novas tecnologias, o tempo vai se diluindo, um tempo esse que não pode mais ser tomado sob a perspectiva única do *chronos*, o tempo cronológico, histórico. É preciso levar em conta e trabalhar, também, a dimensão de um tempo cultural, de um tempo que, por conta da comunicação, vai além do tempo cronológico. Um tempo que altera a própria dimensão do tempo.⁸



É preciso levar em conta e trabalhar a dimensão de um tempo cultural, de um tempo que, por conta da comunicação, vai além do tempo cronológico

Uma segunda dimensão – realçada por Lucrecia Ferrara – é a da natureza dinâmica do nosso objeto de estudo, um objeto em constante transformação. Como trabalhar a comunicação na contemporaneidade num momento em que os parâmetros teóricos tradicionais da comunicação de massa e da indústria cultural parecem insuficientes, não dando mais conta disso que chamamos de sociedade em rede na contemporaneidade, ou no tempo presente?

Um terceiro desafio diz respeito à relação entre sujeito e objeto de pesquisa no

⁷ Para uma visão mais completa do assunto, ver, de Laan Mendes de Barros, o artigo “Comunicação na contemporaneidade: perspectivas de um curso de mestrado”. *Líbero* ano IX, n. 17, jun 2006, pp. 9-20.

⁸ “Mais que a seqüencialidade, própria da diacronia do tempo histórico, com sua evolução dos fatos de maneira sucessiva, as tecnologias de comunicação e de informação contemporâneas propõem uma relação de simultaneidade” (Barros, 2006:11-12).

contexto da contemporaneidade. Como sujeitos de pesquisa, estamos frente a um objeto, como dito antes, em constante transformação. Um objeto que, por outro lado, nos envolve intensamente na percepção da nossa própria existência, uma vez que o tempo é um fator determinante da nossa percepção da natureza e do outro, das intervenções do ser humano na natureza, da cultura e, até mesmo, da percepção

da nossa própria pessoa e dela num espaço coletivo.⁹

⁹ A sobreposição entre sujeito e objeto de pesquisa “se intensifica no campo da comunicação, por conta da dependência cada vez mais intensa do ser humano em relação aos meios, que se sofisticam tecnologicamente e interferem em sua capacidade cognitiva, como na captação, sistematização e representação de informações. Se os meios são ‘extensões do ser humano’, como já dizia McLuhan nos anos 1960, estudá-los é cada vez mais estudar o próprio ser humano” (Barros, 2006:14)

Referências

- BARROS, Laan Mendes de. “Comunicação na contemporaneidade: perspectivas de um programa de mestrado”. *Libero IX*, n. 17, jun 2006, pp. 9-20.
- KÜNSCH, Dimas A. “Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão”. *Libero X*, n. 19, jun 2007, pp. 51-59
- LOPES, M. Immacolata Vassalo de (org.), *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MARTINO, Luiz C. “As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação”. In: LOPES, M. Immacolata Vassalo de (org.), *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 69-101.
- MARTINO, Luiz C. “Abordagens e representações do campo comunicacional”. *Comunicação, mídia e consumo* v. 3, n. 8, nov. 2006, pp. 33-54.
- MARTINO, Luiz C. (org.) *Teorias da comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editoria, 2003.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- WOLTON, Dominique. *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.